

Aliados se movimentam pensando na distante sucessão de Cardoso

O presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, não completou um ano de mandato e falta muito para a próxima eleição presidencial, mas os aliados da base governista interessados em sua cadeira, embora tentem disfarçar, já começaram a se movimentar. Pelo menos dois cenários estão sendo montados para a sucessão: o primeiro tem como roteiro a reeleição de Fernando Henrique, sendo mantida a aliança entre PSDB e PFL; o segundo, e até agora mais provável, é uma disputa entre os aliados, que estraçalharia a base governista no Congresso e tornaria muito difícil o último ano de Governo. Só no PSDB, partido do Presidente, há cinco possíveis candidatos. No PFL dois, no PMDB, até agora há mais dois.

Não estou obcecado por essa idéia, mas se houver uma série de circunstâncias favoráveis, como político estarei à disposição, diz o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), um dos candidatos mais notados ultimamente.

Estratégia — Sarney fala pouco no assunto e age discreta e sutilmente, mas tratou de trabalhar pela eleição de Paes de Andrade para a presidência do PMDB e botou aliados seus (como o líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho e o presidente da Comissão de Assuntos Econômicos, Gilberto Miranda) em postos chave no Senado. Ao mesmo tempo, trata de assumir posições críticas em relação ao Governo fi-

cando contra, por exemplo, o impopular Fundo Social de Emergência.

Seu companheiro de partido, o governador do Rio Grande do Sul, Antonio Britto, o outro peemedebista de olho na sucessão, adota estilo diferente. Depois de perder a disputa no PMDB, sabe que muito provavelmente terá que ceder a legenda a Sarney em 1998 e arrumar as malas para outro partido onde possa sair candidato. Britto, que é jornalista, sabe usar o marketing como ninguém. O próprio Fernando Henrique queria que Britto, ministro da Previdência no governo passado, fosse o candidato a presidente, mas Britto optou por se candidatar à sucessão estadual e governa o estado com um pé em Brasília, tentando capitalizar ao máximo suas estadas na cidade e as audiências com Fernando Henrique.

Chances — No PMDB, Britto é um grande nome. Está fazendo um bom governo e tem todas as chances se quiser disputar, diz o líder do Governo no Congresso, Germano Rigotto (PMDB-RS).

No PSDB, o maior trabalho do Presidente será administrar a quantidade de candidatos. O ministro do Planejamento, José Serra, os governadores Mário Covas (São Paulo), Tasso Jereissati (Ceará) e Edauro Azeredo (Minas Gerais) e o ex-ministro da Fazenda, Ciro Gomes. Serra, que não faz sucesso no Nordeste, pode optar por disputar o governo paulista.

Os cearenses Ciro Gomes e

tasso Jereissati porém fazem tudo para se manter no páreo. Tasso vai quase semanalmente a Brasília e tenta repetir sua primeira e bem-sucedida administração no governo cearense. Ciro Gomes, aluno em Harvard (Boston-Estados Unidos), embora pouco apareça por lá, aproveita cada segundo de suas viagens ao Brasil para conseguir espaço nos jornais.

Dificuldade — “Caso a reeleição de Fernando Henrique não seja possível, o PSDB será um dos partidos que viverá a situação mais difícil”, admite um influente tucano.

O PFL, por enquanto, ainda tem a possibilidade de repetir a dobradinha com Fernando Henrique. Os pefelistas só admitem a reedição da aliança com o mesmo candidato. Caso não seja possível a reeleição, não será fácil a tarefa de encontrar um nome do partido. Um deles seria o vice-presidente Marco Maciel, o outro, e mais forte candidato, seria o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA). Luís Eduardo, no entanto, tem outro projeto: disputar o governo da Bahia.

“Sou a favor da reeleição de Fernando Henrique. Se não der, Luís Eduardo é um dos bons nomes do partido. Mas acho que é muito cedo para pensar nisso, principalmente num País que tem visto os vencedores da eleição presidencial surgirem sempre no ano da eleição, diz o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE).

Emenda da reeleição espera ‘sinal verde’

O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), espera o sinal verde do Palácio do Planalto para prosseguir a tramitação da emenda constitucional que torna possível a reeleição de todos os atuais ocupantes de cargos no Executivo. Mas, no Congresso, ninguém acredita que isso venha a acontecer antes da eleição municipal do próximo ano. Deixar o assunto para 1997 é, segundo os aliados do Governo, a fórmula ideal para evitar que a emenda seja derrotada pelo voto dos parlamentares que são candidatos às prefeituras.

“O presidente Fernando Henrique é quem vai dizer quando a emenda deve ser votada”, diz Luís Eduardo.

O Presidente, segundo interlocutores, só pretende tocar no assunto depois de consolidadas as reformas constitucionais e de ter absoluta certeza do sucesso de seu governo. Fernando Henrique acha que lançar o tema agora seria incentivar uma guerra em seu partido e nos demais que o apóiam.

“Antes de 1997 dificilmente haverá algum sinal verde do Palácio. Esse assunto é um vespeiro. É melhor não mexer com ele”, afirma um líder governista.

Sem o aval de Fernando Henrique, o lobby pela emenda tem ficado por conta dos atuais prefeitos, que querem a reeleição.